AQUELES TEMPOS

NOS BASTIDORES DE VIDAS PROVISÓRIAS

EDNEY SILVESTRE

AQUELES TEMPOS

NOS BASTIDORES DE VIDAS PROVISÓRIAS

EDNEY SILVESTRE

APRESENTAÇÃO

Edney Silvestre explora aqui as histórias por trás do enredo de Paulo e Barbara, protagonistas de *Vidas provisórias*, seu novo romance. É possível conhecer melhor quais foram as inspirações do autor para reconstruir as sensações desses imigrantes brasileiros que sofreram, em épocas diferentes, com o isolamento provocado pelo exílio. Os relatos são ilustrados com fotos que Edney reservou especialmente para o leitor, frutos de sua atividade jornalística e da pesquisa para a feitura do romance.

Em 1970, perseguido pela ditadura militar, Paulo é preso, torturado e abandonado sem documentação na fronteira brasileira, de onde segue para o Chile e depois para a Suécia. Barbara, com uma identidade falsa, deixa o país para trás em 1991 — durante o governo Collor —, fugindo da crescente violência urbana, e instala-se nos Estados Unidos como imigrante ilegal.

Edney se vale, com sensibilidade, da própria experiência durante a ditadura militar, dos onze anos em que atuou como correspondente em Nova York, e da cobertura da Guerra do Iraque. Conduz os desenlaces dos muitos que tiveram que driblar as dificuldades da imigração — como Paulo e Barbara —, contudo, sem perder a esperança por dias melhores.

1.

Você está dentro de um ônibus, numa rua da sua cidade. Um grupo de homens armados obriga o motorista a parar. Os homens entram, exigem que cada passageiro exiba o documento de identidade. Verificam tudo com atenção. De repente pegam um dos passageiros e o retiram do ônibus. Ordenam que o motorista siga. O coletivo parte, enquanto os homens armados conduzem a pessoa escolhida até um veículo. Pode ser um camburão, pode ser um jipe, pode ser uma Rural-Willys, pode ser um carro qualquer. Em comum: não têm placa de identificação. Ou, quando têm, é falsa.

Você acaba de assistir a um filme e está saindo da sessão de cinema quando se depara, na entrada, com dezenas de homens fardados, sob o comando de um coronel. Eles escolhem, aleatoriamente, quem deve apresentar identidade e um documento em especial — carteira de trabalho. Quem não mostra uma é detido como "desocupado". Levado a alguma delegacia, ficará em cela por tempo indeterminado.

Não há nada que um advogado possa fazer.
Os direitos estão suspensos.
Não há *habeas corpus*.

Nas salas de aula das universidades, vários alunos não são alunos de verdade. São espiões das forças de repressão, ali colocados para observar e reportar as ações dos colegas.

Os telefones estão grampeados.

A correspondência é violada, incessantemente.

Nos aeroportos, as pessoas são revistadas, detidas, têm sua bagagem revirada, em busca de documentos que indiquem prisões ilegais e torturas.

Filmes, novelas e séries só podem ser exibidos depois de terem seus textos e imagens liberados por homens (e algumas poucas mulheres) que zelam pela moral e pelos bons costumes da

população. E por suas inclinações políticas também.

Toda redação de jornal, revista, rádio e televisão está sob a vigilância de um censor. Às vezes mais de um. Eles determinam o que pode e o que não pode ser publicado. Por vezes sugerem pautas de reportagens, inclusive nas colunas sociais.

Você está à vontade dentro de sua casa ou apartamento, descalço, em alguma atividade trivial qualquer, comendo, lendo, tomando banho. A campainha toca. Insistentemente. Batem com força na porta. Você vai abrir. Um homem aponta uma arma para a sua cabeça. Você é algemado. Há vários outros junto com ele. Invadem o apartamento.

Não respondem às suas perguntas sobre as razões de estarem ali. Revistam todos os armários, canto por canto. Checam papéis, jogam livros para o alto, destroem, rasgam o colchão. Não parecem encontrar o que buscam, exceto por um livro de filosofia de autoria de um escritor russo. Pegam o livro.

Um dos homens armados enfia um capuz em sua cabeça. Você é empurrado para fora do apartamento, para dentro do elevador, para fora dele, obrigado a andar até um veículo e a deitar-se no piso. O veículo parte. E roda com você durante um tempo que — vale o lugar-comum — parece uma eternidade.

Outro clichê válido: você acha que está dentro de um pesadelo. Que vai acabar. Que você vai acordar.

Não vai.

Não é pesadelo.

Não é ficção, tampouco.

A situação da invasão do apartamento aconteceu comigo, na rua Bolívar, em Copacabana, Rio de Janeiro. Não fui exceção. Ela se repetia no Recife, em São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Porto Alegre, por todas as cidades grandes, pequenas e médias do Brasil. Aquele era o país em que vivíamos, no final dos anos 1960 e nos primeiros anos da década de 1970.

Nesses tempos vive — e tenta sobreviver — Paulo Roberto Antunes, um dos personagens centrais de *Vidas provisórias*. Na composição utilizei algumas de minhas próprias experiências, outras vividas por amigos, outras tantas relatadas por

testemunhas. Também fui ajudado por artigos e livros que cito — com meu agradecimento — no final de *Vidas provisórias*.

O resultado dessa soma de História e imaginação está lá, nas páginas do romance. Aguardando a sua leitura.

2.

Ocorre a muito poucos imaginar que boa parte dos brasileiros que se exilaram na Suécia eram rapazes e moças com cerca de vinte anos, raríssimos na faixa dos trinta e, em sua grande maioria, refugiados que já haviam vivido no Chile de Salvador Allende.

Em um episódio que retrato em *Vidas provisórias*, eles acabam de escapar da polícia em Santiago, após o golpe militar de 11 de setembro de 1973. Estão no aeroporto de Buenos Aires, aonde chegaram com a ajuda (verdadeiramente heroica) do embaixador da Argentina no Chile. Mas ficaram confinados no aeroporto de Ezeiza, sem permissão do governo argentino para sair. Entre eles coloquei o personagem Paulo.

Do aeroporto de Ezeiza os refugiados brasileiros tampouco conseguiam ir para outra parte do mundo, porque os países que os vinham acolhendo passaram a não mais aceitá-los pelas mais diversas razões e justificativas — tal como Denise Rollemberg narra no livro *Exílio: entre raízes e radares*.

Quando a jovem jornalista Leda Nagle foi à Suécia visitar seu primo exilado, Fernando Gabeira, ela conseguiu driblar a polícia e a Censura, levando consigo — além de pacotes de goiabada e quilos de feijão preto — cartas de parentes e relatórios de torturas e arbitrariedades que aconteciam no Brasil. O livro de Fernando Gabeira (*O que é isso, companheiro?*) me deu vários subsídios. E o depoimento de Leda Nagle foi um dos testemunhos fundamentais para a composição da vida dos personagens Paulo, Chico Nelson e Ernesto e suas mulheres.

O jornalista Chico Nelson — a quem homenageio abertamente, fazendo dele o personagem solar que é o “outro” de Paulo — havia sido meu colega de redação. Na época em que ele fugia da polícia, após o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, passou algumas noites no meu pequeno apartamento em Copacabana. Quando fui denunciado (o que levou à invasão do apartamento e à minha detenção), Chico Nelson já estava a salvo em outro lugar.

Descobri, recentemente, que esse local onde ele se escondeu ficava no bairro do Leblon. Era o apartamento de uma pessoa que ninguém jamais imaginaria que fizesse parte dessa rede de

ajuda: a atriz Leila Diniz.

Muitas e muitas vezes conversei com Helena Celestino, Ernesto Soto, Leda Nagle e Angela Dutra de Menezes sobre Chico Nelson.

Ele acabou por conseguir fugir do Brasil. Voltou da Suécia em 1979, após a anistia. Aqui morreu, de um ataque de coração, nas circunstâncias que descrevo no romance.

Após passagem pelo Chile, Paulo exilou-se na Suécia. Nesta foto, o amanhecer belo e frio em Estocolmo.

A impessoalidade do conjunto habitacional onde Paulo morou na Suécia. Hoje vivem ali exilados do Iraque e de inúmeros países africanos e asiáticos.

A ponte atravessada pelos personagens Paulo, Chico Nelson e Ernesto na tarde em que se despediram, em 1979, em Estocolmo.

3.

Na narrativa da Bíblia, o mundo harmonioso, belo e pacífico era o Jardim do Éden. Os estudiosos dos textos do Primeiro e do Segundo Testamentos há muito afirmam ter localizado a região em que Adão e Eva teriam vivido antes de comerem o fruto da árvore do conhecimento e serem expulsos: ficava entre os rios Tigre e Eufrates.

Eu estive lá. Fica no Iraque — um país inventado pelo Império Britânico, assim como a Jordânia, reunindo tribos diversas e dispersas, sob o comando de uma das famílias poderosas e cordatas daqueles tempos.

E do que seria o Paraíso Terreno resta hoje o quê? Uma área suja, devastada, com os rios do *Gênesis* cobertos de lixo e detritos de toda espécie.

Conto um tanto da história do local, sob a ótica de Paulo. Testemunhei o que ele narra nas cartas que escreve durante a missão que cumpre ali. Vi o país assolado ainda pela Guerra do Golfo, empobrecido pelas sanções da ONU, sofrido sob o jugo de Saddam Hussein.

Viajei para a região em novembro do ano 2000, na época em que era correspondente internacional da Rede Globo, baseado nos Estados Unidos. Estava acompanhado do então repórter-cinematográfico brasileiro Helio Alvarez, com quem percorri o país de sul a norte, entrando pela fronteira da Jordânia. Na época os voos para Bagdá — ou qualquer outra parte do Iraque — estavam proibidos.

Fomos de Basra a Mosul, Hatra, Bagdá, tantos lugares cujos nomes são difíceis de lembrar e impossíveis de pronunciar.

Vimos horrores.

Ouvimos horrores.

Em Hatra, no Iraque, quando o autor fez a cobertura jornalística
de conflitos na região para a Rede Globo, em 2000.

1.

Vivi em Nova York de 1991 até 2002.

Fui testemunha da profunda metamorfose da cidade imunda, pichada, detestada e desprezada pelos americanos de outras localidades — e amaldiçoada por George Bush (pai) —, até virar essa espécie de Disneyworld para turistas adultos que é hoje, nesta segunda década do século XXI.

Nova York é, agora, uma réplica pasteurizada e colorizada da Nova York que conheci e onde tantos brasileiros aportavam, fugindo da inflação galopante do Brasil, fugindo da escalada da violência, fugindo do caos que eram os tempos de Fernando Collor.

Tal como faz a menina Barbara, a outra personagem central de *Vidas provisórias*.

Desprotegida, despreparada, mal falando a língua —, Barbara é criatura da ficção que espelha tantas outras Barbaras da diáspora brasileira. São Barbaras, também, as personagens das donas de casa de Newark, mulheres de vida dupla.

O que há de ancoragem no real sobre essas mulheres é isto: havia um prédio, indistinto, no centro de Manhattan, do lado leste, em que trabalhavam diversas brasileiras.

Ali elas — mulheres casadas, esposas e mães dedicadas na maior parte, com famílias constituídas — recebiam clientes. Eram prostitutas, se assim as quisermos nomear. Mas não gostavam de serem definidas dessa forma — tal como protesta a personagem Susana, quando Wanda usa essa palavra.

De onde vinham, que idade tinham, como viviam fora do apartamento de Manhattan, eu narro de forma altamente ficcionalizada em *Vidas provisórias*. Não eram apenas quatro, como está no romance. E é bom não confundir as criaturas de *Vidas provisórias* com mulheres da vida real.

Silvio é, igualmente, personagem criado pela imaginação do autor — ainda que inspirado em inúmeras vítimas de doenças terminais, algumas muito próximas de mim. Os lugares por onde circulava, os clubes onde dançava e arrebanhava clientes e amantes existiram em Manhattan e estão citados com os nomes que tinham então.

Para falar deles e descrevê-los em minúcias, contei com o depoimento de sobreviventes daqueles anos loucos. Que, por sua vez, contaram e contam com a discrição do autor.

Vidas provisórias cita locais reais, personagens reais, situações históricas reais. Mas não é um *roman à clef* e não deve ser lido como tal.

Não gosto de falar sobre o 11 de Setembro de 2001. Não gosto de voltar ao tema do ataque às Torres Gêmeas. Não gosto de me lembrar da morte de quase 3 mil pessoas. Não gosto da memória do cheiro de carne humana queimada — que durou até meados de outubro. Não gosto de escrever sobre o tema (embora o tenha feito, catarticamente, tal como está no meu livro *Outros tempos*).

Não consigo me esquecer do 11 de Setembro, entretanto.

E é fato inegável que o século XXI e o mundo contemporâneo começaram naquela terça-feira luminosa, azulíssima, sem uma nuvem no céu.

Em *Vidas provisórias*, o 11 de Setembro marca igualmente a ruptura de Barbara. A menina insegura, perdida no país que continuava estrangeiro para ela, mesmo depois de dez anos, que abandonara seus sonhos em troca da sobrevivência, vinha fazendo descobertas, amadurecendo sem o perceber e se transformando, desde uma perda afetiva devastadora.

O que Barbara vê é exatamente a mesma imagem que o planeta inteiro viu, perplexo como a mulher que vem chamá-la: um grande rombo, bem no centro do prédio mais alto da maior cidade do país mais poderoso do mundo. E, em seguida, o choque do segundo avião contra a segunda torre.

Foi também o que vi.

Eu morava próximo do local do atentado e, mais por isso do que por qualquer outra razão, fui escolhido para fazer a cobertura do que, ainda não se sabia, era o maior atentado terrorista da História. Estava aguardando a chegada da equipe (Orlando Moreira, cinegrafista; David Presas, produtor; Paulo Nogueira, motorista), já tinha reportado por telefone para a transmissão que fora ao ar no Brasil.

O processo de transformação de Barbara incluiu dois choques íntimos: a descoberta da paixão – que ela tentava controlar por todos os meios – e a descoberta das dores e riscos, de vida inclusive, que outra paixão, um amor descontrolado e despudorado, trouxera a uma das mulheres que se prostituíam no apartamento onde Barbara trabalhava como faxineira.

“Isso é amor, Wanda? O amor é assim?” São perguntas que Barbara faz à mais experiente das prostitutas. Ela quer saber que sentimento é aquele, se aquele realmente é um sentimento, se dali pode mesmo vir força para enfrentar o impensável.

Wanda não sabe responder. Mas a resposta virá. E, de posse dela, Barbara obterá o passaporte com o qual poderá entrar em sua nova vida. Talvez não mais

provisória.

Esquina da rua Hudson com Charles, por onde o personagem Silvio gostava de passear. Perto dali, ficava a fictícia loja de flores de Silvio.

O autor, em Nova York. Numa rua similar a que Silvio morava, onde Barbara trabalhava como faxineira.

TRECHO DE

VIDAS PROVISÓRIAS

A vida é tênue, tênue.
“CANÇÃO DE BERÇO”, CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ESTOCOLMO — FEVEREIRO1974

NELSON

“*What’s your name*?”, ela perguntou, enquanto o despia — primeiro, desenrolando o cachecol em torno do pescoço com pontas de barba escura, logo, desabotoando e tirando o sobretudo úmido de neve, depois o paletó, em seguida, o boné —, na quarta língua em que tentava se comunicar. Ele não entendia sueco, como a maioria dos sul-americanos na reunião da Anistia Internacional em que o tinha conhecido, há algumas horas. Francês e alemão, os outros idiomas em que ela se movimentava com facilidade, tampouco tinham funcionado.

“*What’s your name, Brazilian guy*?”, ela insistiu, com um sorriso de dentes perfeitos e hálito de cigarro.

“Nelson”, ele mentiu, dizendo um dos muitos codinomes que utilizara nos últimos anos, enquanto dobrava o corpo para ela puxar o suéter demasiado largo, como as outras roupas de frio que lhe tinham sido doadas ao desembarcar em Estocolmo.

“*Nelson*, *Nelson*, *Nelson*, *Nelson*”, ela repetiu, enquanto abria sem pressa cada um dos botões da camisa branca amarfanhada, lançada junto às outras peças na cadeira próxima à cama. “*Nelson. Nelson like the British admiral*.”

Parou antes de abrir seu cinto. Afastou-se um pouco e mirou longamente o tronco do homem moreno à sua frente. Era magro, mas se percebia nele um passado atlético. Uma cicatriz recente, grossa e comprida, descia do lado direito do pescoço até perto do ombro. Anna encostou ali o indicador, percorreu-a, como ao afluente de rio no mapa antigo de um continente desconhecido. Levou as duas mãos a seu peito, sentindo a aspereza dos cabelos que o cobriam, tão diferentes dos suaves pelos dos homens de seu país.

Acariciou, com a ponta dos dedos de unhas roídas, os mamilos escuros como jamais conhecera. Viu que intumesciam.

Começou então a despir-se.

“Não.”

“*No*?”, ela se deteve.

“Sim”, ele apontou, indicando a blusa que ela já abrira. “*Yes*. Tire. Não sei como se diz roupa em inglês. Nem em sueco. *Clothes no*”, tentou. “*Naked*”, lembrou-se. “*Naked yes*.”

Ela sorriu: “*The British admiral wants me naked*.”

“*No*.”

“*No? Not naked*?”, ela estranhou, ainda sorrindo.

“*Yes. Yes naked. Not admiral*.”

Chegando mais perto dele desafivelou seu cinto e o primeiro

botão das calças que, folgadas depois dos vários quilos perdidos desde a fuga do Chile, quatro meses antes, caíram-lhe aos pés. Seu pênis, endurecido, pulsava nas cuecas, também largas demais.

“*Not British admiral*”, sussurrou, segurando a cabeça dela entre as mãos, enfiando os dedos nos seus cabelos, presos em coque. “Nelson cantor. Não sei como se diz cantor em inglês. *Music*, *understand*?”

Puxou-a para mais perto de si, tentou beijá-la. Ela se afastou, sorrindo levemente.

“*No*.”

“Sem beijo? *Kiss no*?”

“*No means I don’t understand what you are saying*”, respondeu, logo percebendo que ele igualmente não atinava com o que lhe havia sido dito. “*Music for admiral Nelson*?”

“Almirante Nelson, não. Nelson cantor, *understand*? Cantor. Muito famoso no meu país. Foi o primeiro cantor cujo nome eu aprendi. *Music*. *Music* do meu país. *Music of Brazil*.”

A mulher loura sorriu novamente. Soltou os cabelos, sacudiu-os.

Pareceu-lhe bonita como se estivesse iluminada por dentro.

Mais uma vez se aproximou dele, puxou sua cueca até o meio das coxas, recuou ligeiramente para que ele se livrasse da última peça que o cobria.

Esfregando o corpo de pele clara no corpo escuro dele, tirou os sapatos de couro vermelho, a blusa azulada, a saia xadrez, o sutiã, as meias e, só então, a calcinha. Pegou-o pela mão, levou-o até a cama.

“*Music*”, ele murmurou, aspirando o perfume dela.

Enquanto se despia e depois, enquanto o acariciava, lambia, beijava e mordiscava, Anna dizia palavras que o rapaz moreno não entendia. Ele nunca ouvira palavras de amor em sueco. Imaginava que fosse sueco. Imaginava que fossem palavras de amor. Gostaria que fossem palavras de amor. Queria que fossem palavras de amor. Queria que ela percebesse que aquele momento mitigava inúmeras dores, mas não sabia como dizê-lo. Sem compreender por quê, como nunca fizera diante de alguém, muito suavemente, pouco a pouco, em voz baixa, mais como um sussurro, se ouviu entoando:

A camisola do dia,

tão transparente e macia,
que eu dei de presente a ti,
tinha rendas de Sevilha,
a pequena maravilha,
que o teu corpinho abrigava...

Parou, sem se lembrar dos outros versos da canção, ouvida tantas vezes nos rádios dos botequins do subúrbio carioca para onde se mudara aos doze anos, na primeira vez em que fora expulso de onde vivia. A música de seu primeiro exílio.

"*Music*", tentou explicar. "Nelson Gonçalves. *Not admiral*. *Not British*. Cantor. *Very famous cantor of Brazil*."

"*You are crying*", ela notou, enxugando a lágrima que escorria pelo canto de um dos olhos do homem jovem, de cabelos encaracolados. "*Why are you crying*, *Brazilian guy*? *Don't*. *Don't cry*. *It's not worth it*. *It's never worth it*."

"Tinha rendas de Sevilha,/ a pequena maravilha...", ele tentou de novo, com a voz embargada, sem conseguir prosseguir.

Ela acariciou os lábios grossos dele, escorregou na cama, colocou seu pênis na boca e o sugou, com delicadeza, primeiro, logo com sofreguidão cada vez mais intensa, enquanto Paulo murmurava o restante do que se lembrava da melodia, até gemer alto, involuntária e aliviadamente, quando gozou em sua boca e entendeu, ou pensou que entendia, que amava aquela mulher cujo nome não lembrava como nunca amara nenhuma mulher em seus 25 anos de vida.

ATLANTA — FEVEREIRO1991

EXIT

Nem se dão ao trabalho de checar atentamente seu passaporte. Tudo é anódino na jovem que chega no voo lotado do Brasil: os cabelos castanhos presos em rabo de cavalo, o rosto pálido por trás dos óculos arredondados, as roupas em tons de cinza, o suéter de lã acrílica azul-marinho, o cachecol preto, o sapato baixo de couro preto, a bagagem de náilon preto na mão, a única mala de roupas, também preta, igualmente de náilon.

Carimbam o visto de entrada, chamam o brasileiro seguinte na fila, ela contorna a cabine, caminha na direção que indica *Exit*, a primeira palavra que abafa o medo de ser pega antes mesmo de entrar no país para o qual foge, escorraçada por tudo o que a faz sentir-se irrelevante e esmagada no Brasil.

Assim, carregando sua mala de marca falsa comprada na rua 25 de Março, Barbara — agora com sobrenome de origem italiana, mais aceitável do que o brasileiro Costa, agora filha de Abelardo e Laura Jannuzzi, e não mais de Carlos Roberto e Kátia da Costa, agora nascida em Buenos Aires, em 1970, e não mais em São Paulo, no dia 25 de janeiro de 1974, agora não mais assistente de serviços gerais do Smart English Course da rua Maria Paula, no Centro de São Paulo, mas estudante de biologia chegada para um intercâmbio ali mesmo no estado da Geórgia — vê as portas automáticas do aeroporto de Atlanta se abrirem e, à sua frente, dentro de um casaco verde-azul-vermelho que parece inflado, debaixo de um boné do Boston Patriots, o rosto sorridente de Luís Claudio.

Ele avança, abraça-a e, indicando o homem corpulento a seu lado, apresenta:

— Meu irmão, Leonardo.

Apertam-se as mãos, ela aproxima o rosto para o beijo na face, como é costume no país que deixou para trás, mas Leonardo afasta-se, mantendo a distância usual entre os habitantes do país aonde ela acaba de chegar, levando dois dedos à aba do boné igual ao do irmão mais novo, quase uma saudação militar. Diz alguma coisa em voz baixa e rouca. Ela não entende. Após uma breve hesitação, percebendo que a fitam aguardando uma reação, responde o que lhe parece adequado.

— Obrigada.

Luís Claudio pega sua mala. Seguem Leonardo. Atravessam o estacionamento. Ela sente frio e pensa no frio, pensa que nunca lhe ocorrera que fizesse tanto frio no sul dos Estados Unidos, pensa que deveria parar de pensar no frio e ficar atenta ao que lhe diz o namorado, a quem não vê desde outubro. Não consegue. Está muito cansada. Não dormiu durante o voo. Estava tensa, temia ser barrada, temia perceberem o passaporte falso, temia parecer amedrontada, temia tremer. Outro tanto por conta da turbulência intensa e intermitente desde o início do serviço de bordo. Não comeu nada, mas não tem fome. Está mesmo um pouco enjoada. Tenta responder às perguntas que Luís Claudio lhe faz. Falam da mãe e do padrasto dela, da família do padrasto no interior de Mato Grosso, da loja que o padrasto e a mãe pretendem abrir, da loucura dos preços que não param de

subir nos supermercados, do trânsito em São Paulo, do verão em São Paulo, do calor em São Paulo, das chuvas em São Paulo, dos alagamentos em São Paulo, tudo, qualquer assunto, qualquer um, menos sobre o pai dela, as acusações contra o pai dela, as fotos do pai morto junto aos corpos dos traficantes envolvidos no sequestro do filho de um publicitário. Era terreno proibido. Ele sabia.

Chegam junto a uma van cor de vinho. A placa é de Framingham, a cidade de Massachusetts onde vivem Luís Claudio, Leonardo e mais alguns milhares de brasileiros. Uns 10 a 12 mil, a maioria ilegais, lera em uma revista. É onde vou morar o resto da minha vida, ela pensa, antes de entrar e sentar-se no banco traseiro, conforme lhe é indicado.

Luís Claudio senta-se ao lado do irmão, ambos colocam os cintos de segurança, o veículo parte. Vão atravessar os estados da Geórgia, Carolina do Sul, Carolina do Norte, Virgínia, Delaware, Maryland, Nova Jersey, Nova York, Connecticut e Rhode Island, até chegar ao destino. Serão mais de 1.700 quilômetros. Vinte horas de estrada, no mínimo. Sem parada para dormir. Os irmãos se alternarão ao volante. É um longo caminho. Porém, mais seguro. Eles têm uma brasileira com passaporte falso a bordo. O *green card* de Luís Claudio também é falso. Só os documentos de Leonardo são genuínos, obtidos com os 6 mil dólares pagos à americana com quem se casou em agosto do ano passado, economizados centavo a centavo em trabalhos de faxineiro, entregador de pizza, lavador de carro, frentista, pedreiro, vigia noturno, jardineiro, padeiro, balconista, ensacador em supermercado, motorista, carpinteiro, pintor, açougueiro, eletricista, porteiro de boate, auxiliar de fotógrafo de casamentos, bombeiro hidráulico, até, finalmente, abrir seu próprio negócio *made in USA:* Leo's Jobs You Need It We Do It. Seu primeiro negócio na América. Por enquanto, apenas um miúdo retângulo nas *Páginas amarelas* de Boston. Breve, ele confia, uma loja de verdade em Framingham, com nome pintado na vitrine e o irmão por trás do balcão, pois que fala inglês sem sotaque, é despachado e sabe organizar tarefas ainda melhor do que ele. A legalização dos papéis e registros no condado ficará mais azeitada quando arrumar uma mulher americana para se casar com Luís Claudio. Os planos vêm sendo meticulosamente delineados e construídos nos últimos quatro anos. Até surgir essa menina. Filha de um motorista de madame metido com sequestradores, morto, junto com os comparsas, num confronto com a polícia. Luís Claudio tentou esconder a história, mas ele acabou descobrindo. Nenhum segredo dura muito tempo entre fechadas comunidades de imigrantes, onde informação pode significar proteção.

Entram na autoestrada.

Barbara observa, quieta, a manhã cinza, as árvores sem folhagem, a rodovia larga, com muitas pistas e muitos carros grandes passando em alta velocidade. Aqui e ali há sinais de *Exit*, seguidos de trevos e novamente pistas triplas, quádruplas, sêxtuplas, repletas de carros e vagos sons longínquos, abafados pelas

vidraças fechadas e uma música country tocando no rádio.

Então isso é os Estados Unidos, ela pensa.

Recosta a cabeça, fecha os olhos.

Sem perceber, adormece.

Logo escorrega e se deita no banco, encolhida, ainda com frio, mas amparada na sensação de acolhimento e paz.

Não tinha ideia de como estava enganada.

SOBRE O AUTOR

EDNEY SILVESTRE nasceu em Valença (RJ), em 1950. Jornalista de longa carreira, se destacou na cobertura dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 para a Rede Globo — quando era correspondente em Nova York. É apresentador do programa *GloboNews Literatura*. Seu primeiro romance, *Se eu fechar os olhos agora* (2009), conquistou elogios da crítica e prêmios como o Jabuti, de melhor romance, e São Paulo, de autor estreante, e foi publicado em outros sete países.

CONHEÇA O LIVRO
DO AUTOR

Vidas provisórias